

AZZEDINE — Que Alá me acuda!

GENET — Não te assustes.

AZZEDINE — És mesmo tu.

GENET — Eu mesmo. Quem poderia ser senão eu?

AZZEDINE — Não acredito que seja possível um morto sair da terra.

GENET — Nem eu. Mas a verdade é que estou aqui de novo ao teu lado e continuo a ver-te como um filho, já mais crescido.

AZZEDINE — Já passaram vinte anos.

GENET — Lembras-te desse dia?

AZZEDINE — Lembro-me, tinha sete anos. Estavam poucas pessoas e o meu pai chorava.

GENET — Eu amava o teu pai.

AZZEDINE — Toda a gente em Larache comentou o teu enterro. Não fui à escola nesse dia. Depois deixou-se de falar. O meu pai vinha aqui muitas vezes, quase todos os dias, ou ficava a olhar da varanda da casa para o teu túmulo. Sabias que dali da casa se vê o teu túmulo?

GENET — Sabia.

AZZEDINE — É verdade. O sol começava a pôr-se e ele ficava a contemplar o túmulo até que desaparecesse na sombra da noite. O teu túmulo. E dizia: o senhor Jean foi-se deitar.

GENET — Não me olhes com esse olhar, eu sou um homem comum.

AZZEDINE — Estou apenas a ver-te, a tentar lembrar-me.

GENET — Não há muito para lembrar.

AZZEDINE — Quando me agarrava às tuas pernas e te puxava pelas calças para me comprares rebuçados.

GENET — Eras uma criança livre, tinhas tudo o que as crianças da tua idade, nesse tempo, não podiam ter. Lembras-te da tua primeira bicicleta? Inventaste mesmo uma dança em honra dela. Uma dança parecida com a das mulheres de Baqa a que tu nunca tinhas assistido. Tinhas um riso prodigioso. Fazias-me esquecer a minha doença e o horror que tinha vivido nos campos de morte do Líbano.

AZZEDINE — Ficavas dias inteiros fechado no hotel com o teu pijama azul-celeste, a assentar coisas nos cadernos.

GENET — Ainda te lembras? Eu era um europeu sujo a cheirar a *Gitanes* e tinha começado a escrever o *Prisioneiro*...

AZZEDINE — E da festa dos meus cinco anos que todos comemorámos na escola com bolos e limonadas. Lembro-me bem.

GENET — E a Amina?

AZZEDINE — A minha mãe deixou Larache. Foi para a aldeia dela, perto de Fez, para a família. Não entende a minha luta.

GENET — Eu dizia que eras o meu neto palestiniiano. Amava o teu pai, amava-te.

AZZEDINE — Depois da tua morte, cresci sozinho, sem ele, metido na tua sombra, como um refugiado no meu próprio país, como se tivesse vivido sempre dentro de um contentor. Ameaçado pelos polícias.

GENET — Foste um menino protegido.

AZZEDINE — Com medo de que alguém que me viesse violar e de outros povos mais poderosos que transformassem o meu corpo em cinza.

GENET — Cresceste como eu desejei, forte, sem cadeias nos pés como as dos presos, sem andares a pedir pelas ruas ou a roubar nos comboios. Tornaste-te um homem.

AZZEDINE — Fiz-me por mim. O meu pai, Mohammed, disse-me, antes de morrer, para ouvir sempre o que os mais velhos diziam. Morreu de noite num desastre de automóvel, contra uma árvore. Acho que não aguentou a tua morte. Queria desaparecer, ir ter contigo.

GENET — Eu sei. Eu vi. Conheço bem o sofrimento, o cheiro do sangue a esvair-se pelo corpo. Mohammed tornou-se para mim o mal e o seu remédio. E agora estás tu aqui à minha frente e tenho medo do teu pensamento.

AZZEDINE — Não tenhas.

GENET — Conheço essa luz nos teus olhos. Sei o que te move. Por detrás dessas palavras, desses fatos que usas, vejo o pó de um esqueleto a desfazer-se. Não tem sentido.

AZZEDINE — Todos temos que morrer, cada um à sua maneira.

GENET — Gosto das palavras, mas abomino a crueldade dos homens, a sua morte sem qualquer fulgor. Não quero acreditar que te tornaste num desses rapazes que caminham para a morte como se ela habitasse dentro de um brinquedo de plástico.

AZZEDINE — Mas vais ter que acreditar.

GENET — Um homem morto não vale nada, zero, um deserto ao vento. Melhor seria teres-te tornado equilibrista num circo e andares pelo mundo a mostrar-te. Ainda vais a tempo.

Azzedine

15

AZZEDINE — É também por ti que faço isto, por um sentimento eterno.

Para te mostrar a minha gratidão.

GENET — Odeio a gratidão, odeio o choro e a piedade. Odeio os homens fracos. Anda cá, abraça-me.

AZZEDINE — Mas tu morreste, a culpa não foi minha.

GENET — Não fui eu quem escolheu a minha morte.

AZZEDINE — Eu vinha aqui com respeito, para te saudar, para te ler poemas e é tudo. O meu futuro está traçado. Está neste livro. Não estava previsto que saíesses desse chão.

GENET — Não foi por vontade minha, foram as tuas preces, as tuas leituras, os silêncios, o teu corpo que se tornou num corpo de homem, um homem duro, a tua fala.

AZZEDINE — Eu sei o que quero. Quero morrer do modo como morrem os de Al-Aqsa. E quero que tu o saibas, que o faço a pensar em ti, porque me disseram que estiveste em Beirute, no campo de refugiados de Chatila e viste aquelas centenas de cadáveres amontoados, expostos ao sol.

GENET — Não é disso que quero falar, desse mal-estar, desse ódio. Venho pela paz, estou velho, chega-me o sangue que vi, as prisões onde estive fechado. Venho para endireitar o caminho que percorri, para deter essa luz negra que habita o teu rosto.

AZZEDINE — Volta para o chão, não preciso mais do que da memória do teu riso, de mim em criança agarrado às tuas pernas. Tudo o resto não te pertence, nem o podias compreender.

GENET — És ainda uma criança, um leãozinho. Não te chegam as Intifadas?

AZZEDINE — Sou um homem com um destino, amado por outros homens. Há muito que sei manejar esta Kalashnikov. Hoje nascemos já com uma arma nas mãos, com os olhos encostados à mira, a olhar para os lados de Israel, para as nossas terras.

GENET — És uma criança, falta-te um pai, alguém que te sacuda pelos ombros e, se for preciso, que te bata com um cinto. Podias continuar a mandar pedras, a esconder-te à espera de que os tanques apareçam, e ias vivendo assim.

AZZEDINE — Para quê? Tenho vinte e sete anos. Eu sei o que...

GENET — Não sabes nada. É preciso morrer primeiro para o saber, mas como eu, de velho, doente como um fruto podre. É preciso sentir os passos dos vivos em cima da nossa cabeça, ouvi-los chorar e praguejar, saber das suas culpas e das suas mentiras.

AZZEDINE — *(Aponta para o Corão)* Mas eu tenho um pai.

GENET — Precisas é de um pai que te tape com uma manta quando está frio e te cure nas doenças. Um pai que te ensine a construir um castelo na areia e te conte histórias para adormecer. Que te leve ao circo e te compre gelados. Não um pai que está dentro de um livro, um pai de papel.

AZZEDINE — Volta lá para dentro. Deixa-me trazer-te de novo uma rosa e colocá-la em cima da pedra. Assim não posso chorar por teres estado em Chatila e teres visto os mortos antes de toda a gente.

GENET — Vi os mortos e as feridas, o sangue coalhado. Vi a tirania e o despudor, vi corpos nus como nunca antes vira, vi barrigas esventradas, olhos arrancados, braços decepados.

AZZEDINE — Viste o que eu não vi e não quero ver. Viste o outro lado do mundo.

GENET — Vi um bocado do inferno.

AZZEDINE — É isso que me acende o ódio.

GENET — Mas foi há muito tempo, agora tudo deve ser diferente.

AZZEDINE — E os mortos estavam inchados, ao sol.

GENET — Que te interessa isso agora? É o passado, estão mortos e enterrados.

AZZEDINE — Crianças, mulheres, velhos.

GENET — Tu deverias estar feliz com a vida, com a tua gente. Os vizinhos já não atiram lixo para o quintal do teu pai e eu já não os amedronto com a minha presença. Podias ir buscar a tua mãe e tomar conta dela. Pensa nela. São as mulheres palestinianas que ensinam o silêncio e a tranquilidade aos homens, aos jovens combatentes. Não é isso a felicidade?

AZZEDINE — Felicidade? Que felicidade? Como posso eu ter felicidade quando os soldados israelitas matam as nossas crianças, destroem-nos as casas, torturam os presos?

GENET — Mas tu és marroquino, quem te pôs essas ideias na cabeça?

AZZEDINE — Sou muçulmano, sou árabe. E tu? Não passas de um francês. Com que direito falas da Palestina?

GENET — Eu cago na França e nos franceses.

AZZEDINE — Nem pai tens. Encontraram-te e entregaram-te à Assistência Pública. Não és nada. Não tens pátria. Por isso é que estás contra mim.

GENET — Ouve bem, Azzed.

AZZEDINE — Não me chames Azzed. Eu sou Azzedine el Katrani.

GENET — Era assim que eu te tratava. Não te lembras?

AZZEDINE — És tu que não queres que te fale do meu pai, do meu avô. Tens medo. Não consegues aceitar a realidade que eu represento, o meu destino.

Azzedine

17

GENET — Que posso eu fazer?

AZZEDINE — Preciso de ti.

GENET — Mas eu acabo de chegar da morte e já me queres de volta ao túmulo.

AZZEDINE — Estás a decepcionar-me. Não estiveste sempre ao lado dos palestinianos? Parece que isso agora não te interessa.

GENET — Para mim chegaram quatro horas em Chatila para saber qual o meu destino e não é certamente explodir-me num centro comercial. Tu sim, olha para ti, pareces um boneco de plástico. Pensas que alguém irá apanhar as tuas vísceras e pô-las num pedestal. Mas desengana-te. Estás condenado ao esquecimento, dois dias depois ninguém quer saber quem tu eras, de onde vieste. Passas a ser mais um, um número para a soma, para as estatísticas.

AZZEDINE — Às vezes parece que falas como um inimigo. Alguém que nunca terá uma campa muçulmana.

GENET — A mim também me puseram virado para Meca.

AZZEDINE — Mas num cemitério cristão.

GENET — Eu sempre disse que queria ficar enterrado junto ao Mar Morto e afinal puseram-me num cemitério encravado entre uma prisão e um bordel.

AZZEDINE — Estas não são as palavras que eu esperaria de ti. Não és o Jean de outros tempos, aquele de quem o meu pai falava. Esse destilava raiva contra os brancos, contra a polícia, contra os ditadores.

GENET — Queria ficar nu na minha morte, embrulhado apenas num lençol, sem objectos, sem velas, sem flores.

AZZEDINE — E aqui estás num chão de areia, sem árvores, sem vasos, ao sol, a ser roído pelas pragas. Vem comigo. Não temos nada a perder.

GENET — Deixa-me respirar. Cala-te um bocadinho. As tuas prédicas até fazem acordar os fantasmas. Não queiras ser herói tão cedo. Vive a vida mais um pouco. Não é por isso que as setenta e duas virgens deixarão de te recompensar no paraíso. Tens tempo de as acariciar.

AZZEDINE — A dos olhos negros.

GENET — Com pele de alabastro.

AZZEDINE — À espera dos mártires. Eu serei um deles.

*As três figuras mexem-se. Um delas, Olhos Verdes, fica mais recuada. Genet desvia a sua atenção para elas, reconhece-as.*

GENET — Outra vez estas personagens! Sabem que não existem e, no entanto, perseguem-me como cães vadios.